



FACULDADE DE LETRAS E CIENCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LINCENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**Recepção e Integração de Novos Estudantes nas Residências Universitárias- Caso da
Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Maputo**

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

Autor: Sulemane Ismael Ussene

Supervisor: Danúbio Walter Afonso Lihahé

Maputo, Fevereiro de 2017

**Recepção e Integração de Novos Estudantes nas Residências Universitárias- Caso da
Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Maputo**

O Autor

.....
Sulemane Ismael Ussene

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais na Universidade Eduardo Mondlane.

O Supervisor

.....

O Presidente

.....

O Oponente

.....

Maputo, Fevereiro de 2017

Declaração

Declaro por minha honra que este relatório de pesquisa nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que o mesmo constitui o resultado da minha investigação pessoal, e estão indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

Sulemane Ismael Ussene

Maputo aos, 22 de Fevereiro de 2017

Dedicatória

Dedico este trabalho à memória do meu pai *Ismael Ussene* que já não esta entre nós.

À minha mãe *Meri Michaque Tembe*, minha heroína, minha mais que tudo, pelo apoio incondicional, sem ela não teria conhecido a escola e o seu valor.

A minha companheira, amiga, esposa, *Hatija Hamade Mussa*, pela paciência e pelo apoio incondicional, e pela força de vontade de me ver formado.

Aos meus filhos *Ismael, Ussene* e *Jr.* E às minhas irmãs *Naficia, Anifa* e ao meu cunhado *Sérgio*.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a DEUS por tudo que tem feito na minha vida, por cuidar de mim e por ter feito esse momento tornar-se realidade.

Um especial agradecimento ao meu supervisor Dr. Danúbio Lihaha, o professor mais fascinante que um dia conheci, pelo apoio e incentivo durante a elaboração do presente trabalho, que não só ensina para a carreira de Antropólogo mas também sabe educar seus estudantes para a vida.

Também, endereço o meu muito obrigado a todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane, ao Dr. Alexandre Mathe, Dr. Gune, Dr. Nhamaze, Dr. Zonjo, Dra. Margarida Paula, Dra. Esmeralda e a todos que aqui não mencionei por terem-me transmitido conhecimentos antropológicos que estão e estarão sempre gravados na minha memória.

A minha turma de Antropologia 2012 -2015 Pelos grandes momentos vividos durante a nossa formação, bons e maus momentos, e, em especial isso mostra claramente a força que nos uniu, pelos fins-de- semana e feriados estudando, discutindo ideias, produzindo e organizando as matérias e os trabalhos. Foram dias árduos e momentos inesquecíveis vividos com muita intensidade.

E, por último, não deixando de agradecer a estudantes e funcionários da Residência Universitária Estudantil nº 08, pela força, apoio, colaboração, o meu muito obrigado.

Obrigado.

Resumo

O presente estudo teve como campo de análise a Residência Universitária nº8 da UEM, em Maputo.

Com o tema: *Recepção e Integração de Novos Estudantes nas Residências Universitárias- “Caso da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em Maputo”* é um estudo antropológico, que analisa e compreende os processos e mecanismos de recepção e integração de estudantes nas Residências Estudantis da UEM, de forma geral.

Caracterizar o quotidiano dos estudantes recém-chegados nas Residências Universitárias Estudantis da UEM (RUEs), especificamente da Residência nº8, em Maputo e deste modo compreender as interações e relações que se estabelecem (ou se produzem) entre estudantes (novos ingressos e antigos) e os funcionários e procurar perceber os mecanismos através dos quais se processa e se manifestam essa recepção e integração, de forma específica.

A recolha de dados foi feita com base no método etnográfico aliado à observação directa, entrevistas semi-estruturadas e com recurso as histórias do cotidiano de cada estudante.

A teoria adoptada para o trabalho, foi o interacionismo simbólico que permitiu operacionalizar a pesquisa. Esta teoria defende que a interacção é elemento que constitui as formas de comportamento, e a natureza dos objectos do mundo social é simbólica. Nesse contexto o sujeito social é ao mesmo tempo agente, pois interpreta e simboliza.

Os resultados do estudo indicam que, a recepção e integração dos “novatos”, ou “caloiros” traduz- se em varias experiências vivenciadas, que passam por estágios que parte da forma de recepção que envolve aspectos como, batismo, assédio moral, “bullying”, humilhação, violência e praxe, que os mesmos traduzem um conjunto amplo de tradições, rituais, usos e costumes que se praticam e se repetem em comunidades, académicas ao longo dos anos.

Palavras-chave: Recepção, Integração, Residência Universitária.

Lista de abreviaturas

DAA – Departamento de Arqueologia e Antropologia

DRA _ Direcção de Registo Académica

DSS _ Direcção dos Serviços Sociais

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

UP – Universidade Pedagógica

RUEs _ Residência Universitária Estudantis

Índice

1. Introdução	1
1.1. Enquadramento e contextualização.....	1
1.2. Justificativa e pertinência.....	5
2. Revisão da Literatura	6
2.1. O “Estado da arte”	6
2.2. Problemática	14
3. Enquadramento Teórico e Conceptual.....	15
3.1. Teoria	15
3.2. Conceitos.....	16
3.2.1. Integração.....	16
3.2.2. Recepção	17
3.2.3. Interação social	17
4. Procedimento Metodológico	19
4.1. Métodos.....	19
4.2. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados	20
4.3. Universo e Unidade de Análise.....	22
4.4. Etapas de realização da pesquisa	22
4.5. Constrangimentos e sua superação	23
5. APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	24
5.1. As características e o quotidiano dos estudantes recém-chegados nas residências da UEM.....	24
5.2. As interações e relações que se estabelecem entre estudantes e funcionários	27
5.2. Os mecanismos que se processa e manifestam nessa recepção e integração	32
5.2.1. Integração.....	32
5.2.2. Recepção	33
5.2.3. Interação social.....	36
7. Referências Bibliográficas	39

CAPÍTULO I

1. Introdução

1.1. Enquadramento e contextualização

O presente trabalho é um projeto de pesquisa realizado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane, tem como tema: *Recepção e Integração de Novos Estudantes nas Residências Universitárias- “Caso da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em Maputo”*.

Neste trabalho propomo-nos analisar de que forma se procede a recepção e integração de novos estudantes nas Residências Universitárias Estudantis (RUEs) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), e os mecanismos através dos quais se processa e se manifesta essa recepção e integração no quotidiano dos recém – chegados nessas mesmas residências estudantis.

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) é uma instituição pública de âmbito nacional, a mais antiga instituição de ensino superior em Moçambique. Foi fundada no dia 21 de agosto de 1968, pelo Decreto-lei nº 44530, sob a designação de Estatuto Gerais Universitários de Moçambique. Em 1968, ascendeu à categoria de Universidade, sendo então designada Universidade de Lourenço Marques.

Desde a sua criação, a Universidade Eduardo Mondlane, se assumiu como uma universidade nacional, tendo concebido uma política que garante a equidade de acesso para estudantes oriundos de todas as províncias e regiões do País, oferece bolsas de estudos a estudantes nacionais e estrangeiros.

Uma bolsa de estudo é uma prestação pecuniária atribuída a um estudante por uma entidade pública ou privada para participação nos encargos relativos à frequência de um curso ou ao desenvolvimento de um trabalho de pesquisa (DRA UEM).

A bolsa de estudo visa contribuir para custear, entre outras, as despesas de alojamento, alimentação, transporte, material escolar e propinas (taxas universitárias).

A bolsa de estudo pode ser conferida com base em diversos critérios, como:

- De natureza econômica, restritas a estudantes com baixa renda familiar,

- De natureza acadêmica ou de mérito, concedidas a estudantes com elevado rendimento escolar,
- Por notoriedade nas artes e desportos, concedidas a estudantes que atingiram grandes resultados artísticos ou desportivos.

A Universidade Eduardo Mondlane atribui quatro (4) tipos de bolsas, nomeadamente,

- a) *Bolsa completa,*
- b) *Bolsa reduzida,*
- c) *Bolsa de alimentação e alojamento,*
- d) *Bolsa de alojamento.*

Para além de outros dois (2) benefícios sociais, designadamente, a isenção de propinas e redução de propinas em 50%.

A transição dos jovens do ensino secundário para o ensino superior produz um conjunto de novos e complexos desafios, próprios dos contextos, vivências e exigências que se geram nos vários domínios da vida (Almeida, Ferreira & Soares, 2000).

Aos jovens no ensino superior exige-se maior autonomia e conseqüentemente, mais responsabilidades. Esta metamorfose psicossocial constitui uma nova fase de adaptação, com a criação de inovadoras respostas para lidar com o novo ou, em oposição, com um período de dificuldades, confusão e possível desorientação (Freitas, 2004).

Freyssinet-Dominjon e Wagner (2006) revelam que muitos jovens afirmam que fazem o que quer que seja, mas não com quem quer que seja, sendo um claro indicador do papel do grupo e da sanção que existe sobre o abstinente, rompendo os elos que os unem aos demais do grupo de pares.

A entrada para o ensino superior coincide, por norma, com a etapa da vida do jovem caracterizada pela passagem da adolescência para a fase adulta.

Nesta fase, o jovem enfrenta desafios não só a nível académico mas também a nível pessoal e social, em que se depara com a necessidade de construção de novos projetos, investimento no curso, gestão das suas perspetivas e expectativas de realização pessoal e profissional,

estabelecimento de novas amizades, relacionamentos e reorganização do núcleo familiar (Silva & Ferreira, 2007).

É nesse âmbito que, o estudante têm-se deparado com vários constrangimentos na entrada ao ensino superior, destacando o Praxe, trote estudantil, “hazing, bizutage, novatada”, etc., são termos que se referem a práticas rituais de iniciação num agregado ou coletivo, caracterizadas por uma dinâmica de “poder-submissão” entre dois grupos: de um lado os veteranos e de outro os candidatos a ingressar no grupo (Aizpún Marcitllach e García-Mina Freire, 2013: 22).

Este tipo de práticas formam parte da vida académica de muitos países, com destaque para as universidades norte-americanas, onde são frequentes nas associações de estudantes chamadas fraternidades e irmandades, mas estão também presentes em outros grupos, como equipas desportivas, instituições militares, gangues, etc. (Allan e Madden, 2010).

Em Portugal, a praxe académica consiste num conjunto de discursos (ideologias, representações, etc.) e práticas que visam alegadamente a receção e integração dos novos e das novas estudantes (designados caloiros e caloiras) nas instituições de ensino superior em que ingressam.

Tais práticas ficam a cargo dos e das estudantes que já frequentam a instituição (designados veteranas e veteranos) e incluem ações de dominância, humilhação e pressão, que em circunstâncias normais, fora do contexto de interação da praxe, são consideradas inaceitáveis (Frias, 2003).

A praxe académica sempre foi alvo de críticas, mas a partir dos anos 90 do século XX passou a ser alvo de maior polémica e contestação pela opinião pública e por parte de estudantes que se opõem, declarando-se anti praxe (Frias, 2003).

Embora esta polémica não seja recente a instauração de processos-crime, em alguns casos por situações de danos físicos graves irreversíveis ou morte, por parte de familiares e caloiras e caloiros, é cada vez mais frequente (Frias, 2003).

Em Moçambique as praxes são pouco estudadas enquanto fenómeno social e manifestação das culturas estudantis. O estudo deste fenómeno tem interessado particularmente à antropologia e à psicologia social e ambas as disciplinas têm contribuído para a compreensão desta prática social.

Na análise da praxe académica a partir de uma perspetiva antropológica, aquela é considerada um ritual de passagem, isto é, um conjunto de práticas simbólicas eficazes que asseguram a

transição dos indivíduos de um status para outro. Neste caso concreto batizam a entrada no ensino superior em Moçambique e a transição para a maturidade. Neste caso batizam a entrada no ensino superior e a transição para a maturidade.

A relação entre praxe, “bullying” e assédio moral tem sido analisada no contexto brasileiro por Almeida e Queda (2007) e Heloani e Silva (2012). Estes autores defendem uma abordagem conjunta e histórica face às perspectivas fragmentadas e psicologizantes habituais.

Destacam uma série de elementos comuns aos três fenómenos (praxe académica, bullying e assédio laboral): a desqualificação social das vítimas, a existência de desigualdades de poder e a violência como base comum das relações sociais nas instituições respectivas (escola, universidade e empresa), Almeida e Queda (2007) e Heloani e Silva (2012).

Esta análise conjunta permitiria compreender melhor a contribuição das ditas práticas para o processo de socialização; para (Almeida e Queda, 2007) “estes três fenómenos formam uma sequência temporal que pode caracterizar o bullying e o trote estudantil como partes de um processo de socialização que desemboca no assédio moral. Neste caso, as potenciais funções produtivas do assédio moral poderiam ser pensadas como sendo as justificativas mais fundamentais destes três processos. O trote estudantil e o bullying escolar seriam partes de uma espécie de treinamento para o assédio” (Almeida e Queda, 2007).

Deste modo, objetivo geral que norteia o nosso trabalho é de compreender os processos e mecanismos de receção e integração de estudantes nas Residências Estudantis da Universidade Eduardo Mondlane em Maputo. Especificamente, o trabalho procura:

- Caracterizar o quotidiano dos estudantes recém-chegados nas Residências Universitárias Estudantis da UEM (RUEs), concretamente da Residência nº8, em Maputo;
- Compreender as interações e relações que se estabelecem (ou que se produzem) entre estudantes (novos ingressos e antigos) e os funcionários;
- Procurar perceber os mecanismos através dos quais se processa e se manifestam essa receção e integração.

1.2. Justificativa e pertinência

Procura-se analisar como é feita a recepção e integração de estudantes recém- chegados, nas residências universitárias, que obstáculos e barreiras encontrados pelos mesmos no ato de assimilação de novos hábitos e culturas tendo em conta que cada indivíduo resulta do seu meio cultural e é diferente dos outros homens porque passa por processos diferentes de socialização pois, a cultura é um dado universal entre os homens, é também um dado particular, havendo diferença nos processos de aprendizagem e no que se apreende.

Também parte-se do princípio que a Antropologia como ciência, estuda as inter-relações culturais que se estabelecem entre os indivíduos, é um terreno fértil para explicar a maneira como os estudantes se relacionam uns com os outros, onde há cruzamento, diversidade de culturas, hábitos e crenças de indivíduo no meio social. Ao estudar estes tipos de eventos é mais um contributo no que tange a antropologia como ciência dos seres humanos.

A opção em escrever sobre este assunto tem como foco o processo de recepção e integração dos recém - chegados às residências universitárias, os eventos que ocorrem com os novos ingressos nas residências, como por exemplo, a praxe e o batismo.

Não obstante, o facto de pertencer ao quadro dos funcionários da Direção dos Serviços Sociais (DSS) da UEM que é responsável pela receção e integração, assim como pelo serviço de alojamento, alimentação, assistência médica e medicamentosa, assistência psico-social, apoio ao encaminhamento vocacional e outras áreas; constitui uma oportunidade de estudo associado ao fenómeno (Boletim de inscrição DRA UEM).

A relevância do presente trabalho provém da necessidade de se aprofundar a reflexão em torno da relação entre o indivíduo, ensino e residência universitária estudantil de forma geral, integração e receção de forma particular.

CAPÍTULO II

2. Revisão da Literatura

2.1. O “Estado da arte”

A recepção e a integração do ensino superior, como já foi evidenciado, visa essencialmente no envolvimento do estudante com o meio académico. Todavia, sendo o ingresso ao ensino superior, uma nova fase em termos educacionais, poderá ser analisada tendo em conta as cisões face a esta nova realidade.

O jovem estudante, ao ingressar ao ensino superior, segundo Pachane (2003) é exposto a inúmeras roturas, as quais vão de encontro com o seu passado, ou seja, vai haver uma quebra de laços afetivos e do foro familiar, bem como uma rotura ao nível de valores e vínculos. Por outro lado, o contacto com a nova realidade vai criar no jovem estudante a aquisição de novos valores, o estabelecimento de novos relacionamentos e uma nova visão do mundo mais ampla e diversificada.

Estas várias cisões e mudanças que se vão processar nesta nova etapa do jovem estudante universitário podem ser entendidas como uma nova passagem para um “novo mundo e espaço”. Neste sentido, Tinto (1988) interpretou-o como sendo um rito de passagem, por onde os estudantes que ingressam ao ensino superior terão de passar, ou seja, este rito apresenta três fases, a da separação, a da transição e a da integração, como descreveu Van Gennep em 1960. Desta forma, a fase de separação representa para o estudante uma cisão entre os seus hábitos antigos e a aquisição ou ajustamento de novos hábitos face à nova instituição.

Numa primeira fase, esta etapa poderá causar alguma desorientação e em alguns casos por em causa a continuação do jovem estudante no curso. Passada a fase da cisão, a mais conturbada, a fase de transição referente ao novo meio universitário, vai requerer ao estudante que adquira novos comportamentos e normas condizentes com a nova realidade. À semelhança da fase anterior, esta nova fase vai provocar no estudante uma certa confusão, quebra e tristeza, na medida em que o estudante não se encontra totalmente integrado na nova realidade e as diferenças com os seus hábitos antigos são grandes.

No que se refere à última fase, a de integração, o estudante nesta fase terá que adotar as normas e comportamentos do meio acadêmico, no qual está inserido e estabelecer várias interações com os vários atores sociais no meio acadêmico, como os seus pares, professores, funcionários ou outros estudantes.

A integração é como um conjunto de predisposições normativas e de valores comportamentais que o estudante deve partilhar e participar com os seus colegas e professores, e de exigências formais e informais que ele deve respeitar, a fim de fazer parte da instituição e comunidade académica (Tinto, 1975).

Assim, qualquer processo de integração sobrevém da interação do estudante e a instituição, cuja interação e integração deve ser assimilada de forma recíproca e dinâmica, sendo que todos os estudantes constituem elementos importantes na modificação do meio acadêmico (Polydoro, Primi, Serpa, Zaroni, & Pombal, 2001).

A integração do estudante no meio universitário constitui o cerne de uma vasta investigação profícua e produzida por vários autores, a qual uma revisão de literatura acerca do assunto permitiu compreender que existem outros fatores que lhe são mencionados como o suporte social, a expectativas académicas do curso, o rendimento académico do estudante, a escolha do curso, a permanência ou desistência do curso e instituição e as atividades extracurriculares (Almeida & Cruz, 2010; Almeida et al., 2003, 2002; Soares, Vasconcelos, & Almeida, 2002).

Vários autores procuraram investigar a influência de medidas psicossociais para a integração do estudante na instituição universitária. Os investigadores Napoli e Wortman (1998) a partir da teoria desenvolvida, em 1975 por Tinto, depreenderam que a integração do estudante no meio académico está diretamente ligada a vários fatores psicossociais, nomeadamente a sua base social, responsabilidade pessoal, bem-estar psicológico, amizades e auto-estima, satisfação académica e competência social; como também, pelas características inerentes ao próprio estudante como o seu interesse e responsabilidade face ao novo desafio, a sua situação socioeconómico e a sua relação e compromisso face à instituição académica. Desta forma infere-se que os estudantes que estejam em termos académicos bem integrados são aqueles que são mais interessados, que apresentam um grande auto estima e que estão mais satisfeitos com os seus resultados.

Segundo Galliano (1986), Socialização é o processo pelo qual a sociedade ou comunidade ou grupo social ensina a seus membros seus costumes e regras. A principal socialização se dá na primeira infância, por meio da família e da escola. É o que pode-se chamar de socialização primária. Ela ocorre por meio dos outros significativos, que são todas as pessoas muito importantes em nossa vida e dos quais dependemos, como nossos pais, irmãos mais velhos e amigos íntimos.

Para este autor, a socialização secundária se dá num âmbito maior, por meio de todas as interações que travamos durante a vida. Por meio da socialização adquirimos o “direito” de atuarmos no grupo social em questão. É por meio da socialização que vamos adquirindo o nosso “eu”, isto é, nossa identidade.

É interessante notarmos que a criança descobre quem ela é quando descobre o que a sociedade é, ou seja, a sociedade e o “Eu” são o verso e o reverso de uma mesma realidade. Na medida em que os outros significativos vão dizendo para as crianças como elas devem agir, o que devem pensar, o que é o certo e o que é errado, ela vai aprendendo a agir em sua sociedade porque vai descobrindo como é sua sociedade. Os outros significativos vão se tornando o que, em sociologia, denominamos de “Outros Generalizados,” isto é, a sociedade (Galliano, 1986).

Por meio do processo de socialização as estruturas da sociedade tornam-se as estruturas de nossa mente. E as crianças vão, ao mesmo tempo, criando uma identidade, aprendendo a usar os símbolos (linguagem) e aprendendo os seus papéis sociais. Podemos afirmar que a “natureza” humana não surge no momento do nascimento (idem).

Os homens adquirem uma “natureza” ou uma identidade por meio de suas associações e podem perdê-la (ou ela declina) quando se encontram isolados. Ou seja, podemos perder nossa identidade se ela não for, conforme a ideia de reciprocidade, reforçada e atualizada pelos outros de nosso grupo social.

O processo de socialização nunca é completo e perfeito. Se assim o fosse seríamos robôs, verdadeiros autómatos. E ninguém é capaz de ser socializado em todos os aspectos de sua sociedade. Imaginem em nossa sociedade complexa, urbana e industrializada: para a socialização ser completa teríamos que aprender tudo, vivenciar tudo, participar de tudo. Impossível. Ao mesmo tempo a socialização nunca termina. Estamos sempre sendo socializados (idem).

A cada vez que ingressamos em um novo grupo social, nesse momento se inicia um novo processo de socialização onde aprendemos os códigos para bem atuarmos nesse grupo social. Obviamente, existem algumas determinações genéticas, uma psique humana e outros fatores de influência tratados por outras ciências. Mas, para o pensamento sociológico, o principal factor de formação da identidade e personalidade de um indivíduo é sua socialização (Galliano, 1986).

A vida dos homens é sempre marcada por ritos de passagem que conferem a passagem de um estágio ao outro e esta é característica de todas as sociedades. É com base nestes pressupostos que se defende que, a ideia de grupo totémico assim como a de tribo, não são ideias primitivas, mas sim, existem em todas sociedades. E como exemplo, temos o facto de, os padres católicos se tratarem como irmãos (Gennep 1978).

Para Turner (1974) "Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo. Os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo no estudo dos ritos a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas" (p. 241).

O etnólogo Arnold van Gennep (1873-1957) escreveu em 1909 o livro "Ritos de Passagem", ele explica que ao longo da vida o indivíduo realiza a passagem de inúmeras fronteiras que demarcam as idades ou eventos da existência humana; por exemplo, ocorre a passagem da infância para a juventude e desta para a vida adulta.

Há também eventos na vida do indivíduo que podem ser considerados como marcos a serem ultrapassados: batizados, casamentos, formaturas, etc. O indivíduo ao superar estes marcos simbólicos passa pelo que Gennep (1978), denominou "ritos de passagem", e é através deles que o homem toma consciência das mudanças em sua vida.

Para Catarina S. Oliveira, Susana Villas-Boas e Soleda Las Heras (2016) a função dos rituais de passagem são operar uma transformação de status e de identidade que, sociologicamente, se enquadra como mecanismo de integração grupal.

No caso da praxe académica trata-se de transformar os novos e as novas estudantes (que formalmente já eram parte da academia porque nesta ingressaram) em membros de pleno direito da comunidade académica mediante a sua aceitação e integração pelos pares (Ribeiro, 2000).

Para tal, o ritual marca as diferenças, não só entre caloiros e veteranos, mas também entre estudantes e o resto da comunidade não envolvida no ritual, como é o caso de docentes, pessoal não docente e população não universitária da comunidade local. Neste sentido, a praxe pode ser considerada como um ritual de elevação de estatuto na medida em que “celebra a entrada do jovem no nível superior e de ‘elite’ do ensino” (Ribeiro, 2000: 40). Antecipa assim, em sentido lato, a expectativa de mobilidade social ascendente mediante as credenciais académicas.

Como descrevem Frias (1998) e Ribeiro (2000) nos casos das Universidades de Coimbra e do Minho a praxe académica apresenta a típica estrutura sequencial trifásica determinada por Arnold Van Gennep (1986) para os rituais de passagem.

Na Universidade da Beira Interior encontra-se esta mesma estrutura em que o ritual de passagem se inicia com uma primeira fase de separação. Nesta fase predominam os ritos de margem caracterizados pelo isolamento e morte social; os caloiros e as caloiras são proibidos de falar com outras e outros estudantes e submetidos/as à vontade dos veteranos e das veteranas com o objetivo de simbolizar uma rutura com a sua identidade anterior.

Segue-se a fase de transição em que os neófitos e as neófitas são confrontados e confrontadas com desafios e testes de resistência e iniciações; e finalmente a fase de incorporação no grupo e no novo estatuto (batismo, permissão de trajar, etc.).

Para criar uma nova identidade, isto é, para realizar uma redefinição pública de estatuto, o ritual actua sobre as caloiras e os caloiros mas também sobre o resto da sociedade.

Assim, caloiros e caloiras são tratados como uma massa maleável, coletiva e homogénea (Ribeiro, 2000: 46), sendo submetidos e submetidas grupalmente a experiências humilhantes com o fim de incentivar o estabelecimento de fortes relações interpessoais entre eles, que servirão de alicerce à nova geração da comunidade estudantil. Estas provas iniciáticas têm como objetivos o estímulo à coesão e integração no grupo e a criação de uma nova identidade.

As práticas de assédio moral na praxe estão orientadas de modo a sublinhar as relações de poder entre “veteranos e caloiros”, entre os que já fazem parte da instituição acadêmica e os recém-ingressados que pretendem integrar-se na mesma.

Justifica-se a sua existência pela pretensão de criar o sentimento de pertença a um grupo, através da vivência coletiva da experiência da praxe. São dois os elementos constitutivos da praxe: o primeiro é a submissão e humilhação (baseada em vincar as relações de poder entre caloiro/as e veteranos/as); o segundo é, a integração e socialização (aspeto lúdico e festivo e de transmissão de informações úteis para se fazer parte da academia) (Frias, 2003).

Da Matta (1977) define, o rito como sendo aquilo que, está aquém e além da repetição das coisas “reais” e “concretas” do mundo rotineiro. Pois o rito igualmente sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inesgotável vontade de passar e ficar, de esconder e mostrar, de controlar e liberar, nesta constante transformação do mundo e de si mesmo que está inscrita no verbo viver em sociedade.

Nesta ordem de ideias, Rivière (1995), parte de princípio que, a cultura é como um sistema de comportamentos apreendidos e transmitidos pela educação, imitação e o condicionamento ou socialização, num dado meio social.

Diferente dos funcionalistas que se interessam pelo próprio quadro cultural, os culturalistas deram aos seus trabalhos uma orientação psicológica e tentaram saber como é que orienta os seus comportamentos.

Rivière (1995) citado por, (Rodolfo, 2004), destaca igualmente a aprendizagem da leitura e da escrita, que atribui nova identidade à criança. Ainda com relação à vida escolar em nossa sociedade, lembremos as etapas de fim de colégio e entrada na universidade, os trotes aos calouros, todos exemplos de etapas que se seguem, atribuindo a cada um de nós novas identidades e novos papéis a serem desempenhados junto ao grupo com o qual convivemos.

Mas, além de representar uma transição particular para o indivíduo, os “ritos de passagem” representam igualmente a progressiva aceitação e participação em determinado grupo social. Trata-se de um processo simultaneamente de cunho particular e coletivo.

O ritual é um fenómeno especial da sociedade, que nos aponta e revela expressões e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo. (Peirano, op. Cit., p. 10).

Gennep (1978) colocava em evidência a similaridade profunda das manifestações que se referem aos ciclos de vida do indivíduo, ao ciclo familiar, à passagem do tempo, aos ciclos das estações, dos dias, das tarefas.

Segundo Claude Rivière citado por Rodolfo (2004), analisa uma variedade de ritos, mais ou menos expressivos, que observamos em nosso mundo profano, aquele do dia-a-dia. Sigamos o autor quando este nos relembra nossos ritos escolares, que vivenciamos desde muito pequenos: os ritos de chegada (cumprimentos da professora e despedida dos pais), ritos de ordem (horários compartimentados pela sineta, espaços organizados por filas, de crianças e classes), ritos de atividades (ir ao quadro, ao pátio, falar e escutar em público).

Os “ritos de passagem”, então, conferem sentido às transições entre estágios sucessivos da vida dos indivíduos, demarcam um antes e um depois configurando ruturas com o quotidiano. Portanto, para os indivíduos, como para os grupos, afirma Gennep, Viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar, para recomeçar em seguida a agir, porém de modo diferente e sempre há novos limiares a atravessar (Gennep, 1977).

Na perspetiva de Rita Ribeiro (2000), as práticas violentas são consideradas como um elemento do ritual. Para a autora, as humilhações devem ser interpretadas no contexto simbólico do ritual, isto é, os e as estudantes praxistas e praxados assumem um papel num jogo, numa representação teatral que é a praxe.

As práticas que nela decorrem ficam, para os e as participantes, eximidas de ser avaliadas da mesma forma que são os restantes comportamentos quotidianos. O contexto de praxe é assim considerado excecional, uma situação “simbólica” em que os valores e normas socialmente

dominantes ficam em suspenso, o que faz com que se aceitem humilhações e agressões que seriam impensáveis num outro contexto.

As diferentes percepções da praxe (como uma brincadeira *versus* uma agressão) dependem do reconhecimento e legitimação que os agentes fazem das regras do jogo e do compromisso com desempenho do papel no jogo (Ribeiro, 2000).

Afigura-se-nos pertinente olhar esta questão à luz do conceito de poder simbólico. Para Pierre Bourdieu “os ‘sistemas simbólicos’, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológicas” (Bourdieu, 1989).

As percepções sobre este fenómeno podem ser divididas em dois tipos: pessoa que têm uma visão favorável à praxe porque fazem parte da tradição e pessoas que têm uma visão desfavorável à praxe por considerarem que é uma agressão.

No primeiro caso a praxe académica é considerada um ritual, inscrevendo-se na tradição, e sendo entendida e legitimada como um costume das universidades.

Esta perspetiva enfatiza como aspetos positivos a importância da praxe para o estabelecimento e reforço dos laços pessoais e grupais e a sua contribuição para a construção de uma identidade académica dos e das estudantes (Gomes e Ribeiro, 2002).

Benedict (s/d) defende que, cada sociedade educa os indivíduos através da sua cultura (isto é a dionisias e apolineis), cada povo tem a sua determinada cultura, com comportamentos similares que fazem com que atuam da mesma forma e pensam da mesma forma.

O que distingue a antropologia das outras ciências é o facto de, estudar sociedades diferentes das nossas e mostrar que, nenhuma cultura é mais interessante ou melhor que a outra porque, temos no mundo uma diversidade de costumes e estes costumes se transformam (idem).

Segundo Benedict (s/d) a cultura é o elemento que marca a maior distinção entre o homem e o animal. O homem vive em sociedade e para além do instinto este tem linguagem, cultura.

É através da cultura que o homem ganha faculdades mentais aceitas num determinado padrão de cultura. Por outro lado, Lee Whorf (1971), fazendo uma análise similar a partir da cultura hopi entende que, a cultura e a língua tem uma relação de interdependência.

A língua é elemento cultural que nos ajuda a obter informação e analisar fenômenos porque, as formas linguísticas analisam e classificam uma dada situação do mundo.

2.2. Problemática

Tendo em conta a diversidade de culturas, hábitos e crenças de cada indivíduo no meio social, a Antropologia como ciência estuda as inter-relações culturais que se estabelecem entre os indivíduos.

É um terreno fértil para explicar a maneira como os estudantes se relacionam uns com os outros e ao estudar esses tipos de eventos é mais uma valia no que tange a antropologia como ciência dos seres humanos.

É neste contexto que pretendo compreender como se processa e manifestam a recepção e integração de novos estudantes nas Residências Universitárias Estudantis da UEM, tendo em conta a existência de vários indivíduos, e um leque de diversidades culturais.

Furtado (2014), define a diversidade cultural como sendo as diferenças culturais que existem entre o ser humano, e indica como aspetos culturais a distinguir, a linguagem, as danças, o vestuário, a religião e outros elementos adstritos às tradições, fruto da organização da sociedade, pois, para esta autora, a diversidade cultural sujeita-se às dinâmicas e à aceitação por parte da sociedade.

É neste âmbito que irei procurar compreender, quais os critérios que são usados na distribuição dos recém - chegados nas Residências Universitárias Estudantis da UEM, se pressupõe mesma é baseada no curso, idade, sexo e proveniência.

Como é feita a recepção e integração de estudantes recém- chegados nas residências universitárias estudantis da UEM, quais os mecanismos usados na recepção e integração?

CAPÍTULO III

3. Enquadramento Teórico e Conceptual

3.1. Teoria

Para a realização do presente trabalho seguiu-se basicamente a perspectiva do interacionismo simbólico. Recorreu-se a esta teoria porque segundo Maia (2002), a corrente privilegia a observação no terreno, a recolha de dados qualitativo, descrição do desenrolar das interações sociais na medida em que considera que é nas situações de interação que o sentido é construído pelos participantes, e as significações elaboradas pelos actores no decorrer das interações sociais.

Silva (2012), por outro lado, citado por (Outhwaite e Bottomore, 1996), refere que o interaccionismo é um movimento que defende que as causas e consequências, os comportamentos, ações e reações interativas do quotidiano da sociedade espelham a realidade daquela sociedade, pois são estes aspetos que tornam aquela sociedade o que ela é ou não é, e desenha o *modus vivendi* dos seus membros dentro do conjunto. Para este, o interaccionismo é “um grupo de teorias que tratam dos efeitos interativos, por exemplo, do corpo e da mente, indivíduo e sociedade, organismo e meio ambiente” e entende, ainda, a interação social como “parâmetro, matéria-prima, para a definição da personalidade e da sociedade.” Portanto, nestas conceções, o interaccionismo toma “a personalidade e a sociedade como produtos da interação social.” (Seminário, 1986, p. 591 citado por Silva, 2012)

É de salientar que, a teoria interacionista de Blumer (1937), permitiu operacionalizar a pesquisa. Esta teoria vai mais além defendendo que a interação é um elemento que constitui as formas de comportamento, e a natureza dos objetos do mundo social e simbólico. Nesse contexto o sujeito social é ao mesmo tempo agente, pois interpreta e simboliza.

Blumer (1937) estabeleceu três premissas básicas do interacionismo simbólico, a primeira é que agimos com relação às coisas na base dos sentidos que elas têm para nós, a segunda é que o sentido é derivado da interação social que estabelecemos com os outros, a terceira e última os sentidos são manipulados e modificados através do processo interpretativo que usamos ao tratar as coisas que encontramos.

Portanto o interacionismo simbólico apoia-se fundamentalmente no sentido que as coisas têm para o comportamento humano, que antes de tudo emerge do próprio processo de interação entre as pessoas (Palma, 2004).

3.2. Conceitos

3.2.1. Integração

É um processo individual e coletivo a um novo *modus vivendi* próprio que seja de origem diferente. Desta feita as pessoas integram-se, quando se incluem num novo conjunto social e económico (Maia, 2002).

O conceito de integração acima proposto por (Maia, 2002) tem o mérito de mostrar que os estudantes oriundos de várias províncias de Moçambique, ou de qualquer outro estudante independentemente de ser nacional ou estrangeiro, tem que se integrar na ordem social e cultural vigente ao local de ensino onde pretende se integrar em função dos ditames da sociedade de acolhimento.

“O termo integração é oriundo da Biologia, Química, Matemática e da economia industrial, ele designa a fusão recíproca e equilibrada de elementos que constituem um sistema, distinguindo-se por isso de coordenação, adaptação e assimilação” (Fernando, Integração Social, 1986: p623).

Para Pinto (1991) a integração é todo conjunto de mecanismo através dos quais um grupo social recebe um novo membro, e pode exprimir o vivido por uma pessoa que quer vir aceder condição de participação plena numa sociedade ou organização.

Quaisquer que sejam motivos que possam influenciar a deslocação das pessoas dum lugar ao outro, problema de integração num novo meio ambiente constituem se a partir do processo recepção e tende a associar-se a questão de assimilação, isto é, ao processo que leva a fazer do outro semelhante que partilha os mesmos modelos costumeiros.

Nesse caso a integração dos estudantes nas residências requer ressocialização que implica a aprendizagem de uma serie de novos códigos simbólicos.

3.2.2. Recepção

Chamamos de recepção, a palavra teve origem no latim "receptionis" para receber a acção e seu efeito.

É a aceitação de uma coisa, ser ao vivo, emoção, ideia ou sinal, que vem do outro, para fazer contacto com ele, próprio ou destina-lo para a finalidade pretendida.

É desta forma que iremos discutir a recepção dos novos estudantes na residência nº 08, procurar amostrar como são recebidos pelos estudantes antigos e funcionários. (Site: [http:// pt.wikipedia.org/wiki/introspecção](http://pt.wikipedia.org/wiki/introspecção) acessado às 12:25 do dia 04/04/16).

3.2.3. Interação social

O conceito de interação social tem a ver com a forma como os indivíduos comportam-se, quando estão numa interação face a face, numa interação direta e está também ligada as ações exercidas pelos indivíduos, que estão ligadas ao comportamento, a maneira de vestir e as atividades realizadas (Goffman 2002, Nova 1989, Turner 1999).

No trabalho usei o conceito de interação social para observar a forma como os estudantes se relacionam uns com os outros, o relacionamento com o espaço, residência universitária estudantil da UEM e a realização das suas atividades diárias.

Para a Antropologia todos os grupos humanos são seres interativos. Apenas existe diversidade de interação, porque os indivíduos comportam-se e organizam-se de acordo com os sistemas simbólicos da cultura onde encontram-se inseridos (Benedith1986e geertz1989).

CAPÍTULO IV

4. Procedimento Metodológico

4.1. Métodos

Na realização do presente trabalho optamos pela metodologia qualitativa. A metodologia qualitativa inscreve-se na corrente compreensivista, considerada mãe de todas as abordagens qualitativas (Minayo e Sanchez, 1993).

É dentro de abordagem qualitativa, que os significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças, valores, se expressam pela linguagem comum e na vida quotidiana, assim como, adaptam-se ao estudo de grupos de pessoas, ao estudo do desempenho de uma instituição, configuração de um fenómeno ou processo (Minayo e Sanchez, 1993:245).

O método qualitativo permite realizar uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza.

O método qualitativo permite também penetrar nos motivos, intenções e projetos dos atores a partir das quais as ações, as estruturas e as relações se tornam significativas (idem).

O método qualitativo, em combinação com técnicas e instrumentos de observação, permite alcançar a informação pretendida apenas com poucos interlocutores, visto que o número de entrevistas na pesquisa qualitativa não invalida a fiabilidade dos resultados (Goldenberg, 2000)

A representatividade dos dados na pesquisa qualitativa em Ciências Sociais está relacionada com a capacidade do investigador de compreender o significado do fenómeno estudado no seu contexto e não com a sua expressividade numérica (Goldenberg,2000) refere que o pesquisador qualitativo busca exemplos que possam revelar a cultura de onde estão inseridos (idem).

A recolha de dados será possível através da aplicação de três técnicas distintas: a revisão da literatura, a observação participante e estudos de caso com base em entrevistas semi-estruturadas, de modo que permita que outras questões sejam colocadas na medida em que os entrevistados vão respondendo as perguntas.

O trabalho de campo, enquanto atividade de registo e de descrição, ocupa uma grande parte da vida profissional dos antropólogos, enquanto corpo dos trabalhos descritivos publicados, forma o

essencial da literatura antropológica. Desta forma, não é fácil separar descrição e teoria porque o trabalho de campo assenta de algum modo no fundamento teórico, uma vez que toda a teoria tem forte ligação aos factos da descrição e neles funda-se Freedman (1977:44).

O conteúdo de pesquisa do trabalho de campo tem tido ao seu alcance quando for bem conduzida, a possibilidade de dar uma informação que em simultaneamente é densa na sua textura e completa no sentido que abarca na totalidade a natureza de uma sociedade ou de uma cultura.

Portanto, o trabalho de campo é uma forma ou técnica de descobrir o real, é de facto considerado como uma melhor experiência pessoal e sensibilizadora que deve estar contida na base do trabalho do antropólogo.

O termo observação participante usado neste trabalho é aquele interpretado por Goldman (2006) que, segundo este autor, "quando Malinowski proclamou este método dentro da disciplina, não quis apenas dizer que vez em quando, o pesquisador deve deixar de lado a máquina fotográfica, o lápis e o caderno para participar do que está acontecer como é muitas vezes pensada".

Na verdade, como avança Goldman (2006), "o que Malinowski operou na antropologia foi um movimento em tudo semelhante ao do Freud na psiquiatria: em lugar de interrogar históricas aos nativos, deixa-los falar à vontade. "

4.2. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

A recolha de dados e das informações presentes na monografia foi possível utilizando a revisão de literatura, a observação directa e de perguntas semi- estruturadas.

A revisão de literatura foi o primeiro momento da produção do projecto de pesquisa e da monografia, e através dela foi feito um levantamento dos textos que abordam a questão da recepção e integração social bem como, a elaboração do quadro teórico e conceptual que apresentamos.

As técnicas de recolha de dados que utilizamos são: a observação directa, a recolha de dados no terreno, a revisão da literatura, as entrevistas semi- estruturadas e comparação do conteúdo das entrevistas.

A observação directa, segundo Quivy e Campenhoudt (2003), utiliza todos sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, sendo que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações no local onde pretende estudar. Observou-se a interacção entre os estudantes recém- chegados, os antigos e os funcionários, a convivência entre este grupo social e as suas condições de vidas.

A entrevista semi-estruturada que segundo Gill (1987), guia se por uma relação de pontos de interesses que o entrevistador vai explicando ao longo do seu curso. O entrevistador faz poucas perguntas directas e deixa o entrevistado falar livremente a medida que se refere aos pontos assinalados.

As histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e actua no mundo e no grupo do qual ele faz parte (Bertaux, 1980).

A utilização da História de Vida como abordagem metodológica vem evoluir continuamente. Foi introduzida no meio académico, em 1920, pela Escola de Chicago e desenvolvida por Znaniescki, na Polónia. A partir da década de 60, esse método de pesquisa procurou estabelecer as estratégias de análise do vivido, constituindo um método de colecta de dados do homem no contexto das relações sociais. (Chizotti, 1991).

O quotidiano das pessoas é retratado por meio de suas histórias de vida. Nosso quotidiano é repleto de significações: é um conjunto de situações vivenciadas no dia-a-dia, percebidas individualmente e renovando-se a cada instante.

A vida quotidiana é caracterizada “como o lugar das negociações do acontecimento pelos seres humanos e, ainda, como o lugar de disposição da existência pela construção sempre renovada da interface da natureza e da cultura” (D’epinay, 1983).

Relacionando o quotidiano e a narrativa de vida, Cipriani (1983) sustenta que através das narrativas de sua vida, o indivíduo se preenche de si mesmo, se obrigando a organizar de modo

coerente as lembranças desorganizadas e suas percepções imediatas: esta reflexão só se faz emergir em sua narração todos os micro eventos que pontuam a vida quotidiana, do mesmo modo que as durações, provavelmente comuns aos grupos sociais, mas que dentro da experiência individual contribuem para a construção social da realidade.

4.3. Universo e Unidade de Análise

O trabalho de campo foi realizado na Residência Universitária Estudantil (RUEs) nº 08, da (DSS), órgão da Universidade Eduardo Mondlane que se responsabiliza pelos serviços de alojamento, refeições, assistência médica-medicamentosa, assistência psico-social, apoio ao encaminhamento vocacional e outros fins.

Também incluíram estudantes recém-integrados oriundos de todas Províncias e regiões de Moçambique, nacionais e estrangeiros, assim como funcionários da Direcção dos Serviços Sociais (DSS) de ambos sexos.

Neste contexto iremos olhar de forma específica a Residência Universitária Estudantil (RUEs) nº 08, que está localizada na Avenida, Karl Marx, Numero 939, adjacente ao Mercado do povo na baixa de Cidade de Maputo.

4.4. Etapas de realização da pesquisa

A pesquisa decorreu em três fases: sendo a primeira fase nos meses de Janeiro a Abril de 2016, que fase foi feita com base numa pesquisa etnográfica na Residência Universitária Estudantis da UEM da (RUEs) nº 08, Avenida, Karl Marx, Numero 939 Cidade de Maputo.

Esta fase foi marcada por observação directa, entrevistas semi- estruturadas e com recolha de dados com base nas notações.

A segunda fase de Abril a Julho de 2016, está fase consistiu na consulta documental, artigos, teses, revistas e livros. Esta consulta foi feita em diversas bibliotecas da Cidade de Maputo, nomeadamente, a Biblioteca Central Brazão Mazula da UEM, Biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA-UEM) e por último na Biblioteca da Universidade Pedagógica (UP).

Lakatos e Marconi (2007) mostram que a percepção teórica do pesquisador associado e complementada pela realidade estudada dá uma visão mais densa e saturada do fenómeno em estudo. A etnografia permitiu identificar e analisar as práticas e riscos profissionais entre as prostitutas no seu local de trabalho

Minayoet al (1993) referem que a etnografia possibilita explorar a relatividade dos significados e valores que os actores sociais dão as suas acções e o que pensam sobre o que fazem. Esta compreensão é feita na base de uma aproximação fundamental e de intimidade entre pesquisador e o objecto de estudo, através de uma “descrição densa” (Geertz 1989).

A última fase consistiu na sistematização, análise e interpretação dos dados recolhidos no campo. Esta fase culminou com a elaboração do presente relatório de pesquisa.

4.5. Constrangimentos e sua superação

Durante a pesquisa etnográfica encontrei alguns constrangimentos. Um dos constrangimentos foi conquistar a confiança dos entrevistados, uma vez que o autor do presente trabalho pertence ao quadro dos funcionários da DSS, os entrevistados tinham receio de possíveis represálias por parte da DSS, dado que eles pensavam que colhia informação para posterior entrega a DSS.

Como forma de minimizar este constrangimento, o autor do presente trabalho optou por se identificar e apresentar objectivo da entrevista aos estudantes, e que não estava a mando da DSS, mais se tratasse de um projecto de culminação do curso e que tenham um interesse em partilhar suas histórias.

A fim de garantir a confiança dos estudantes, o entrevistador optou por efectuar visitas preliminares antes de aplicação das entrevistas, onde foram estabelecidas conversas informais como forma de ganhar credibilidade dos residentes daquela residência estudantil.

Conquistada a confiança é que houve a oportunidade de realizar as entrevistas e tomar algumas notas.

Outra dificuldade esteve ligada a interrupção das entrevistas, uma vez que os entrevistados tinham que irem as palestras nas suas respectivas faculdades, várias vezes as entrevistas eram

interrompidas porque as entrevistadas precisavam de estudarem pois tinham preparação das matérias associadas as aulas, estas dificuldades foram superadas gradualmente.

CAPÍTULO V

5. APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

5.1. As características e o quotidiano dos estudantes recém-chegados nas residências da UEM

Os estudantes recém - chegados nas RUEs da UEM aparentam provir de famílias carenciadas, a julgar pelas vestes que envergam e há os que pelo traje se confundem com os estudantes antigos fazendo parecer que são de famílias bem-sucedidas. Estes chegam nas Residências no final de Janeiro, depois da divulgação dos resultados de exames de admissão; numa época em que os estudantes antigos ainda se encontram nas suas respectivas províncias e países, a gozar férias académicas.

Quando recebidos, os estudantes são alojados nas RUEs, situadas no campus universitário mediante o sexo e o curso antes do início das aulas pelo Departamento de Alojamento da (DSS). Importa referir que no campus universitário existem três residências, dos quais duas são masculinas e uma é feminina. Existem as que se encontram foram do campus, sendo que algumas delas são mistas, isso pelo facto de albergarem estudantes de ambos sexos.

As residências nº 1 e 4 estão nas imediações da Av. Amílcar Cabral, estas duas residências são mistas e nelas são alojados estudantes que cursam medicina, arquitetura e outros cursos.

Na Av. Mao TseTung existem as residências nº 2 e 5 que também são mistas com a excepção da residência nº 2 que é para estudantes que estejam a cursar o nível de mestrado. E por último se pode encontrar na Av. Karl Max a residência nº 8 que ostenta o nº 939, e é somente para estudantes de sexo masculino. Está ultima residência será o nosso objecto de estudo, pois iremos procurar compreender o quotidiano dos recém – chegados alojados nela.

O maior número de estudantes cursa engenharia na Faculdade de Engenharias, que esta localizada na zona da junta próximo ao Cemitério de Lhanguene, na Av. de Moçambique em Maputo.

O forte desejo de ingressar no ensino superior traz no seu horizonte uma miscelânea de sentimentos e sensações, muitas vezes contraditórios e de várias ordens como: sonhos, decisões, projetos a concretizar, mas também e ao mesmo tempo, inquietações, indecisões, medos e separações.

Esta amálgama de vivências prende-se com o facto da maioria dos jovens estudantes passar por um processo de adaptação a uma nova realidade até aí desconhecida e completamente nova, mas ao mesmo tempo muito desejada, que é a saída da casa dos pais.

Fui alojado aqui na residência 08 em Fevereiro de 2016.

A minha recepção no lar Universitário, não foi nada boa, pois foi sujeito a várias coisas que não me agradaram pelos estudantes antigos os Mazas, (Maza é o nome de estudantes antigos nas residências que se intitulam como donos de espaço).

Nos primeiros dias da minha estadia, fui obrigado a fazer várias tarefas, pelos Mazas;

Fazer limpeza no quarto sozinho, tendo em conta que era o único novo naquele quarto, e eramos volta de 4 estudantes no quarto, onde dormia-se nos beliches, sendo que nestes os Mazas dormiam na parte inferior e os caloiros na parte superior (Elias Pereira Luís, 19 anos).

Apesar do carácter integrador defendido e transmitido por alguns autores, existem desvios negativos à norma e muitas são as situações em que, a praxe académica, as regras de moral e ética não são de todo respeitadas e muitas são as situações desagradáveis vividas pelos caloiros.

Exemplos como elementos que ilustram este fenómeno seriam o facto de os veteranos fazerem dos recém- chegados seus escravos, o acto de usarem os novatos como elementos que tratam da limpeza dos seus quartos ou que carregam os seus pertences, o acto de os veteranos obrigarem os novatos a rastejar na lama, são demonstrativos de situações potenciadoras de criar humilhação, vergonha, constrangimento, receio e ansiedade.

A ansiedade percebida pelos recém- chegados estará associada à condenação que faz do conteúdo das ordens que lhe são dirigidas e do receio que têm em rejeitar fazer certas actividades. Este dilema assombra muitos dos estudantes que se vêm abraçados por uma praxe abusiva.

(...) Para além da limpeza era ameaçado de agressão no caso de eu negar, de cumprir com que foi submetido, era mandado diariamente a qualquer hora para comprar pão para os mazas, e isso era frequente nas horas da noite, e lavar pratos de toda gente que residia naquele quarto (Elias Pereira Luís, 19 anos).

Ele vai mas além, demonstrando a vida vivenciado na sua recepção.

Passei muito mal pois na naquele quarto era o único o que vinha da Tete, havia dois mazas que um deles estava no 2 ano e outro no 4 ano que era de Gaza e outro era de Nampula que estava no 2 ano, no inicio me senti isolado chegando a me arrepender de ter concorrido para o ensino superior e também o porque de não ter ficado na minha Província, pois ali me sentia estranho e diferente de todos, os de Gaza frequentemente se comunicavam com língua materna que era Changana, mal percebia o que estavam a falar, cheguei a pensar que estavam a falar mal da minha pessoa, pelo facto de eu ser da zona centro do país e ser diferente deles, eram os dois que toda hora me chamavam de verme, (calas) e caloiro (Elias Pereira Luís, 19 anos).

Contudo, existem autores que afirmam não se poder tratar a praxe como mero excesso de um ritual de iniciação divertido, uma vez que ao longo do tempo têm persistido comportamentos de violência e humilhação (Camilo, 2010) com indução ao silêncio, solidão e medo no interior da universidade (Akerman, Conchão&Boaretto, 2014). Alguns declaram mesmo poder tratar-se de uma forma de praticar bullying em que “a vítima muitas vezes se subordina para não ficar à margem do grupo” (Miranda, Oliveira, Barreto, Ferriani, Santos & Neto, 2012, p.115).

5.2 As interacções e relações que se estabelecem entre estudantes e funcionários

Os novatos procuram criar afinidade com estudantes antigos que provém das mesmas províncias ou país e que tem algo em comum, comunga a mesma língua, hábitos e crenças.

A relação entre os estudantes recém- chegados e antigos na maior parte não tem sido boa, pois esses mesmos são sujeitos a praxe, bullying, assédio moral e batismo por parte dos estudantes antigos.

O estabelecimento de novas relações interpessoais será determinante e importante, na medida, em que ele deverá saber lidar com as diferenças relacionais que possam surgir no decorrer da interacção do grupo. Essas diferenças irão determinar, também, a forma como se irão relacionar os vários membros do grupo entre si.

Em relação aos funcionários das residências, existem uma relação boa, exceto com os do refeitório pois no entender dos novatos, “os paizinhos” funcionários servem porções que não enchem os pratos e conseqüentemente não conseguem sentir-se saciados, e associado a isso há o problema do receio em solicitar a repetição da refeição por medo serem conotados como gulosos, a necessidade de dar boa impressão e a questão dos horários que devem ser cumpridos a risca.

O facto é que neste momento de adaptação os novatos acabam passando fome e para fazer face a ela recorrem a compra de pães.

No primeiro dia que fui ao refeitório no campus, passei a refeição e não fiquei saciado, foi muito difícil para mim uma vez que na minha casa não tinha hora marcada para comer e também comia algo fora de casa com amigos frutas da época, e outras coisas. Só vim a sentir fome quando cheguei aqui. Passei a refeição e continuei a sentir fome tive medo de pedir pois não sabia se podia ou não.

Tive de fazer contribuição com os estudantes que se encontravam na minha posição e compramos massa esparguete e pães com dinheiro que vinha com eles para as despesas da viagem e outros fins.

Contribuímos 50,00mt por pessoa e éramos três (03) e total deu 150,00mt com esperança de que íamos comprar muitas coisas e se o dinheiro sobrasse íamos comprar peixe, mas

não foi o que aconteceu pois, estávamos acostumados com preços das nossas províncias e vimos que aqui em Maputo as coisas estão muito cara e difícil, foi muito triste (Djimo Dança, 19 anos de idade).

Porém existem vários constrangimentos passado pelos novatos no que tange assimilação dos novos hábitos alimentares, começando pelo horário que é servida a refeição e tipo de refeições servidas.

Nos primeiros dias a passar a refeição no refeitório, passei muito mal, tive diarreias constantes e dores de estomago, ate cheguei a ir, ao médico, e este, disse que tinha a ver com a deita alimentar pois não estava costumado a comer aquele tipo de comida.

Gradualmente fui me familiarizando com a alimentação. A refeição servida passou a ser pouca e não me sentia saciado e cheguei a reclamar com os funcionários que servia e disseram que aquela era a medida servida e que tinha socializar (Orlando Abudo 21anos de idade).

Tive borbulhas e abcesso, quando liguei para casa a contar de sucedido disseram que tinha a ver com hábitos alimentares e isso acontecia porque nas mesma panelas que confeccionavam as refeições na cozinha do refeitório, confeccionavam variedades de carnes e eu estava a costumado a passar refeições cosidas na panela de barro. Apenas quando passei a beneficiar do fundo parai comecei a frequentar poucas vezes ao refeitório pois comecei a cozinhar e a melhorar a minha saúde (Orlando Abudo 21anos de idade).

O assédio académico e batismo têm sido, ao longo dos anos, associados a si, o papel interativo dos novatos no contexto universitário.

Esse papel deve passar por assegurar uma resposta positiva à adaptação equitativa a todos os estudantes, podendo ser percebida como uma entidade de suporte social.

(....) Foi por volta das 21h a 22horas, estive sentado na sala de diversão a assistir, apareceram 05 estudantes e me mandaram sair para fora, longe de pesar o que estava para acontecer, juntaram-me com outros novatos.

Disseram-me que tínhamos que lhes carregar e dar volta fora da residência, quis recusar e bateram-me e acabei aceitando. Tive que aceitar, na medida que isso acontecia agrediam-me, e diziam que tinha que correr como um cavalo, e depois disso mandaram ligar para minha irmã dizendo que aqui em Maputo estava a sofrer e que queria voltar para casa e alegavam que aquilo era batismo e que eles também passaram por ele (Orlando Abudo 21 anos de idade).

De salientar que, o assédio académico assume uma postura menos igualitária, menos acolhedora, mais violenta e causadora de incómodo, embaraço ou dor, dá-se a quebra do laço estabelecido entre o estudante e uma primeira tentativa de integração à instituição, ao curso, aos costumes aos novos colegas de curso. Mas as praxes académicas não surgem na literatura científica apenas com esta incidência negativa, assente em relações de poder, desigualdade e coerção.

Há uma visão alternativa que as caracteriza como um meio para acolhimento e suporte social aos estudantes caloiros, visando o estabelecimento de novas dinâmicas relacionais e a promoção do sentimento de pertença na transição do ensino secundário para o superior (Dias & Sá, 2013; Vieira, 2013). A praxe ou o “conjunto de costumes e tradições geradas entre estudantes do ensino superior, que se constitui como essência de uma vida muito própria, especial e diferente” (Loureiro, Frederico-Ferreira, Ventura, Cardoso & Bettencourt, 2009, p. 89), tende, assim, a ser considerado como um fenómeno cultural que tem como missão, entre outros aspetos, a integração dos estudantes recém-chegados no meio académico (Dias & Sá, 2013).

Passei 04 dias e 04 noites na sala de diversão da residência feminina nº 07, no mesmo âmbito conheci uma maza que vinha da minha província e lhe contei o que estava a acontecer, esta me acolheu no quarto dela enquanto a esperava atribuição da cama.

Essa maza de nome Persília que estava no 4º ano de ciências políticas me ajudou muito, deu-me roupa, sabão e comida, me ajudou-me a matricular (Zélia Impura 20anos de idade).

A vida académica marca-se, também, pelo tipo e qualidade das relações interpessoais que se estabelecem nos contextos do ensino superior.

Também consiste num polo importante de interações entre os vários estudantes e os seus pares, comunidade científica e não científica, cuja interação deve ser participada pelo próprio, de modo a que o seu envolvimento com o meio académico seja maximizado.

Cheguei na (RUEs) da UEM isso no campus Universitário, no dia 11 de Março de 2016, foi numa terça-feira. Quando cheguei me apresentei numa das residências que foi residência nº 09 e de lá o administrador da residência me mandou para o Departamento de Alojamento, no caminho encontramos um doutor chefe de Departamento de Assistência Social, e levou me para o seu gabinete e perguntou de onde em que eu vinha e o porque da chegada tardia.

Lhe disse que vinha da Nampula e que foi repescado e daí, demonstrou o interesse em me ajudar. A seguir, este, rapidamente legalizou a minha situação a cerca de cama e fomos juntos fazer a matrícula. De salientar que o dinheiro das despesas da matrícula foi ele que custeou. Ele deu-me algumas roupas, foi um gesto muito bom por parte do chefe do departamento, tratou-me como filho (Benedito 21anos de idade).

A recepção e integração dos novatos assumem-se como momentos altos da vida do estudante do ensino superior, por marcar o seu batismo purificador na entrada no mundo do conhecimento e, por outro lado, a saída vitoriosa com um grau académico na mão.

Nestes actos, os modelos (alunos mais velhos) são elementos importantes, pelo que alegadamente incitam os jovens a adoptar comportamentos que se situam próximo do risco, em rituais de iniciação, de integração e diferenciação.

(...) Tive uma história muito triste, a cerca da na minha recepção e integração nas (RUEs), pois sofri vários abusos, promovidos pelos colegas antigos do quarto; foi numa noite, pela madrugada que os colegas do quarto me acordaram de emergência parecia que algo de anormal estava a acontecer, descemos as escadas até o pátio do edifício por

volta das 01.00horas de madrugada, quando lá chegamos disseram que tinha que jogar bola e sem bola (Fernando Arnaldo Buque, 19anos de idade).

Salientar que, a praxe traduz-se num conjunto amplo tradições, rituais, usos e costumes que se praticam e repetem numa comunidade, académica ou outra, ao longo dos anos.

Tinha que simular de ter uma bola, e que estava no campo de futebol a jogar, e gritar golo, golo, golo, como estivesse ao lado de alguém a jogar, e a correr de um lado para outro.

Se eu negasse, sofreria sanções, que seria ser espancado e dormir no chão, também para além de me mandarem jogar bola sem bola, ordenaram que dessa volta pelo pátio a gritar e que devesse dizer: “Eu sou verme, eu sou verme, eu sou verme, eu não sou de nada, eu sou caloiro”

De tanto que eu gritava naquela madrugada, creio ter sido ouvido em todo edifício da residência pois, eles foram abordados pelo guarda que me pareceu querer saber o que estava acontecer; mas o mesmo foi embora sem que eu tenha percebido a explicação que lhe deram.

(Fernando Arnaldo Buque, 19anos de idade)

Para criar nova identidade, isto é, para realizar uma redefinição pública de estatuto, o ritual actua sobre as caloiras e os caloiros mas também sobre o resto da sociedade. Assim, caloiros e caloiras são tratados como uma massa maleável, colectiva e homogénea (Ribeiro, 2000: 46), sendo submetidos e submetidas grupalmente a experiências humilhantes com o fim de incentivar o estabelecimento de fortes relações interpessoais entre eles, que servirão de alicerce à nova geração da comunidade estudantil. Estas provas iniciáticas têm como objectivos o estímulo à coesão e integração no grupo e a criação de uma nova identidade.

O relacionamento entre estudantes e funcionários aparentava ser boa, mas havia algo que não estava bem pois, tenho certeza que o administrador da residência sábia dos maus tratos que os estudantes recém - chegados passavam nas mãos dos antigos (Mazas); porque depois de maus tratos que tive na madrugada, os guardam

presenciaram. Acredito que eles contaram ao administrador daquela residência e como zelador, tinha que tomar certas medidas em pró dos estudantes recém - chegados mas não aconteceu nada.

Foi por isso, que não procurei o administrador para meter a queixa pois, creio que ele sabia o que acontecia na residência e também, tinha de evitar ser sancionados pelos Mazas (Fernando Arnaldo Buque, 19anos de idade).

A humilhação e a violência a que os recém- chegados podem ser expostos, por vezes, são tomadas como excessos pontuais dos “doutores”, quando o comportamento destes, incentivado pela pressão do grupo social que efectua a praxe e é estimulado pelo medo de represálias e isolamento sentido pelo caloiro que é praxado, ultrapassa as regras de conduta do código da praxe (Klerk 2013; Silva, 2013; Vieira, 2013)

5.2. Os mecanismos que se processa e manifestam nessa recepção e integração

5.2.1. Integração

Para Pinto (1991) a integração é todo conjunto de mecanismo através dos quais um grupo social recebe um novo membro, e pode exprimir o vivido por uma pessoa que quer vir aceder condição de participação plena numa sociedade ou organização.

Quaisquer que sejam motivos que possam influenciar a deslocação das pessoas dum lugar ao outro, problema de integração num novo meio ambiente constituem se a partir do processo recepção e integração, tende a associar-se a questão de assimilação, isto é, ao processo que leva a fazer do outro semelhante que partilha os mesmos modelos costumeiros.

Nesse caso a integração dos estudantes nas residências requer ressocialização que implica a aprendizagem de uma serie de novos códigos e simbólicos.

De todas as vezes que os (mazas) do quarto me interpelavam usavam uma linguagem de difícil compressão e cheguei a pensar que era pejorativo, sinal de desprezo, e o único que me entendia com ele era o maza de Nampula pois tínhamos algo em comum que era língua, dava me força e dizia que aquilo ia passar e que era uma forma de recepção e

que ele como os outros passaram pelo mesmo e que não tinha nada a ver com tribalismo mas sim era uma forma de integração (Elias Pereira Luís, 19 anos).

Na perspectiva de Rita Ribeiro “a dominação e o assédio fazem parte dos ritos de iniciação” (2000:129), pelo que as práticas violentas são consideradas como um elemento do ritual.

Para a autora, as humilhações devem ser interpretadas no contexto simbólico do ritual, isto é, os estudantes praxistas e praxados assumem um papel num jogo, numa representação teatral que é a praxe.

As práticas que nela decorrem ficam, para os participantes, eximidas de ser avaliadas da mesma forma que são os restantes comportamentos quotidianos.

O contexto de praxe é assim considerado excepcional, uma situação “simbólica” em que os valores e normas socialmente dominantes ficam em suspenso, o que faz com que se aceitem humilhações e agressões que seriam impensáveis num outro contexto.

É muito pertinente olhar esta questão à luz do conceito de poder simbólico. Para Pierre Bourdieu “os ‘sistemas simbólicos’, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica” (Bourdieu, 1989: 9).

5.2.2. Recepção

Chamamos de recepção, a palavra teve origem no latim "receptionis" para receber a ação e seu efeito.

É a aceitação de uma coisa, ser ao vivo, emoção, ideia ou sinal, que vem do outro, para fazer contacto com ele, próprio ou destina-lo para a finalidade pretendida (Site: [http:// ptwikipedia. Org/wiki/introspeção](http://pt.wikipedia.org/wiki/introspeção) cessado às 12:25 do dia 04/04/16).

É desta forma que iremos discutir a recepção dos novos estudantes na RUE nº08 da UEM, onde iremos procurar compreender como é feita a recepção dos novatos pelos estudantes antigos e funcionários.

“A minha recepção no lar Universitário, não foi nada boa, pois tive que passar por muita coisa ruim e triste, no primeiro dia tudo parecia estar bem, alguns dias depois as

coisas começaram a amargar, tive que fazer limpeza, comprar pães nas altas horas amando dos mazas.

Pouca comida no refeitório e o medo de pedir repetição pois para mim aquilo tudo era novo e estranho, tive que me adaptar a nova realidade” (Djimo Custodio Dança, 19anos de idade).

Assim, a prática de assédio moral esta orientada de modo a sublinhar as relações de poder entre “veteranos e caloiros”, entre os que já fazem parte da instituição acadêmica e os recém-ingressados e que pretendem integrar-se na mesma.

Justifica-se a sua existência pela pretensão de criar o sentimento de pertença a um grupo, através da vivência colectiva da experiência da praxe. São dois os elementos constitutivos da praxe: o primeiro é a submissão e humilhação (baseada em vincar as relações de poder entre caloiros/as e veteranos/as); o segundo é, a integração e socialização (aspeto lúdico e festivo e de transmissão de informações úteis para se fazer parte da academia) (Frias, 2003).

Fui alojado temporalmente na residência nº09. O facto de ter cama provocou fúria aos outros estudantes antigos pois questionavam o facto de eu ter cama enquanto os outros que estavam ali a um mês não tinham.

Volta de três (03) estudantes vieram no meu quarto e mandaram me para ir dormir na sala de diversão como os outros estudantes que não tinham cama que la estavam.

Levaram a minha chave e no dia seguinte não fui apresentar me na faculdade pois tinham trancado os meus pertences, passaram dois dias, acabei procurado o administrador da residência e lhe contei o que estava a acontecer e logo tratou de lhes procurar e devolveram a chave.

Na mesma noite vieram no quarto e disseram que tinha que dançar a música de ritos de iniciação da minha província e ameaçaram-me de espancamento se não o fizesse, tive que dançar e depois deitaram água nos meus lençóis, disseram que assim que sair o dinheiro da minha bolsa tinha que lhes dar (Benedito Mussa, 20anos de idade).

A passagem para uma nova instituição de ensino pode acarretar a mudança de localidade, ou seja, muitos dos estudantes nesta situação deixam a casa dos pais para irem viver numa nova cidade, com outros ritmos e com novos colegas, tendo de se separar dos amigos e da família. Segundo Fisher & Hood (1987), mesmo sendo uma separação desejada, estes acontecimentos são potencialmente geradores de ansiedade e stresse que podem originar sentimentos de isolamento, depressão e/ou “friend sickness”.

Esta nova condição origina uma reorganização familiar em que, se o apoio dos pais não for percebido, dificilmente se proporcionará o processo de separação e individuação do jovem adulto, podendo este ser factor impeditivo de uma transição ajustada. Também a necessidade de possuir e desenvolver competências pessoais e sociais no estabelecimento de novos relacionamentos poderá ser um entrave para a criação de redes de suporte (Almeida, Gonçalves, Salgueira, Soares, Machado, Fernandes, Machado, & Vasconcelos, 2003).

Ceguei tarde na residência universitária estudantil (RUEs) da UEM, isso devido fortes chuvas que se fizeram sentir no centro e norte de país, cheguei no dia 21 de Fevereiro de ano em curso, foi numa começo de um domingo e fui recebido pelo segurança da residência feminina nº 07, disse que tinha que permanecer na sala de diversão onde passei noite, sem cobertor e nem colchão, tive que improvisar para dormir. Passei a noite em claro devido a mordida de mosquito e frio.

No dia seguinte procurei o departamento de alojamento para me apresentar, e disseram que tinha que esperar legalizar o meu processo de enquadramento, para posterior me atribuir a cama.

Passado uma semana, no dia 28 de Fevereiro, o departamento do alojamento atribui-me a cama e que tinha ir viver na residência nº 08 pois tinha a ver com o meu curso que é engenharia civil. Aqui foi bem recebido pelos colegas de quarto uns e outros procuraram fazer mal mas não aceitei pois disse ales que já tinha passado pelo batismo de onde vinha (Manuel António Sair, 21 anos de idade).

5.2.3. Interação social

O conceito de interação social tem a ver com a forma como os indivíduos comportam-se, quando estão numa interação face a face, numa interação directa e está também ligada as acções exercidas pelos indivíduos, que estão ligadas ao comportamento, a maneira de vestir e as actividades realizadas (Goffman 2002, Nova 1989, Turner 1999).

No trabalho usei o conceito de interação social para observar a forma como os estudantes se relacionam uns com os outros, o relacionamento com o espaço, residência universitária estudantil da UEM e a realização das suas actividades diárias.

(....) “Fui descobrindo que existia na residência mazas que eram da minha província e isso me deixou confortado, apesar de não estarmos no mesmo quarto mas só de compartilharmos o mesmo espaço isso me deixava bem, pois não me sentia sozinho, encorajavam - me e diziam que aquilo ia passar e que só era questão uma de tempo...”

(Paulo Furai, 20anos de idade).

Para a Antropologia todos os grupos humanos são seres interactivos. Apenas existe diversidade de interação, porque os indivíduos comportam-se e organizam-se de acordo com os sistemas simbólicos da cultura onde encontram-se inseridos (Benedith1986e geertz1989).

Em relação ao conteúdo violento da praxe, a abordagem antropológica tende a considerá-la, por um lado, como um reflexo e reprodução dos valores de uma universidade e da sociedade em que decorre e, por outro lado, como um elemento inerente ao próprio ritual de passagem ou aos rituais iniciáticos que o acompanham. Assim, Aníbal Frias (2003), no seu estudo sobre a praxe em Coimbra refere que a crítica à violência na praxe não é recente, remonta ao século XVIII.

6. Considerações Finais

Tendo a “Residência Universitária Estudantis nº08 da UEM,” como campo de análise, o estudo através da metodologia usada e as técnicas de recolha de dados, permitiu analisar *o processo de receção e integração de novos estudantes nas residências universitárias “Caso da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em Maputo”*, especificamente analisar e caracterizar o quotidiano dos estudantes recém-chegados, compreender as interações e relações que se estabelecem e perceber os mecanismos através dos quais se processa e se manifestam essa receção e integração.

Esta constatação enfatizou a ideia de que, o estudante recém-chegado, na medida que vai estabelecendo e firmando várias relações interpessoais com os seus pares, seja a nível social como ao nível da intimidade, vai ao mesmo tempo desenvolvendo e consolidando outras capacidades essenciais, como a tolerância, o respeito, a empatia e a concordância face às diferenças individuais tanto multiculturais como interpessoais.

Por outro lado, a interação interpessoal vai permitir que se estabeleçam relações mais sólidas e fortes, baseadas na partilha do mesmo espaço, mesmos hábitos e na troca de afetos.

Quanto a receção e integração dos novatos, traduz varias experiências vivenciados, que passam por vários estágios que parte da forma de receção que envolvi aspeto como, batismo, assédio moral, “bullying”, humilhação, violência e praxe, que os mesmos traduzem um conjunto amplo de tradições, rituais, usos e costumes que se praticam e repetem numa comunidade, académica ao longo dos anos.

É neste sentido que na perspectiva de Rita Ribeiro (2000), as práticas violentas são consideradas como um elemento do ritual. Para a autora, as humilhações devem ser interpretadas no contexto simbólico do ritual, isto é, os estudantes praxados assumem um papel num jogo, numa representação teatral que é a praxe.

Onde o indivíduo ao superar estes marcos simbólicos passa pelo que Genep (1978), denominou “ritos de passagem”, e é através deles que o homem toma consciência das mudanças em sua vida.

E na medida em que o tempo vai decorrendo, o novato vai trilhando o seu próprio caminho, adquirindo dessa forma a sua autonomia e crescendo em maturidade e o mesmo vai se solidificar e ganhar maturidade diante de ritos que foi submetido.

Contudo, notamos que o rito a que o novato é sujeito pelos veteranos é uma forma de consciencializar e demonstrar que, não terão de forma diária e permanente o pilar parental para a dissipação das dúvidas e anseios que possam surgir inesperadamente.

E será a partir daí, um ganho da autonomia que vai determinar ao novato na delineação do seu trajeto pessoal, emocional e profissional. Sendo a aquisição da autonomia, um processo progressivo e educativo para ambas as partes, este processo também vai permitir que entendam e compreendam o quanto as ideias e os seres são diferentes entre si, bem como, no que se refere à forma como encaram a vida e as vivências.

Neste sentido, para uma melhor integração, o recém- chegado vai participar, socializar e envolver-se nas várias atividades inerentes à instituição, quer a nível interno como externo, como forma de encarar os novos desafios, e de combater a ansiedade e as inúmeras situações de solidão e de tensão que irá vivenciar nos primeiros tempos, na RUEs.

Apesar de existência desse tipo de ritos que se exercem nos neófitos, há que salientar que a estrutura administrativa da DSS não reconhece a existência da mesma, pautando em defender que esse tipo de ritos já não tem espaço para a sua atuação em RUEs da UEM, uma vez que as mesmas já foram proibidas pela estrutura administrativa. Facto curioso, é que as mesmas atividades ainda continuam decorrendo, em ação e que muitos recém- chegados ainda estão submissos a elas.

Assim, admite-se a partir dos resultados apresentados ao longo da pesquisa, a existência de duas administrações, uma vez que a DSS se afinca numa certa postura e os eventos que decorrem no

meio que está sob a sua jurisdição são diametralmente opostos a postura a que se afina relativamente a certos fenómenos sociais.

Uma vez que nos estudos exploratórios as limitações são várias e nunca esgotadas, para as pesquisas futuras, os vestígios para novas investigações podem estar ligados a área da Antropologia do Simbólico, onde defende que ao longo da vida o indivíduo realiza a passagem de inúmeras fronteiras que demarcam as idades ou eventos da existência humana; por exemplo, ocorre a passagem da infância para a juventude e desta para a vida adulta (Gennep, 1873-1957).

7. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Antônio R., e ORIOWALDO Queda. 2007. “Bullying escolar, trote universitário e assédio moral no trabalho: *uma investigação sobre similaridades e diferenças*”. Disponível em: www.antitrote.org (última consulta em abril de 2016).

ALLAN, Elizabeth J., MADDEN, Mary. 2010. “The prevalence, tolerance, and significance of hazing on U.S. college campuses”, *The Bulletin*, 78 (3). Disponível em: <http://www.acui.org/publications/bulletin/article.aspx?issue=22642&id=12585> (última consulta em Maio de 2016).

ALMEIDA, Antônio R., QUEDA, Oriowaldo. 2007. “Bullying escolar, trote universitário e assédio moral no trabalho: *uma investigação sobre similaridades e diferenças*”. Disponível em: www.antitrote.org (última consulta em Maio de 2016).

AKERMAN, M., CONCHÃO, S. & BOARETTO, R. (Orgs.) (2014). “*Bulindo*” com a universidade – um estudo sobre o trote na medicina. Porto Alegre: Editora Rede Unida. Disponível em: http://www.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/bulindo-com-a-universidade-um-estudo-sobre-o-trote-na-medicina-pdf/at_download/file.

AIMEIDA, L. S., & CRUZ, J. F. A. (2010). Transição e Adaptação Académica: reflexões em torno dos alunos do 1.o ano da Universidade do Minho. In *Ensino superior em mudança: Tensões e possibilidades*. Congresso Ibérico (pp. 429 – 439). Braga.

- AIMEIDA, L. S., GONCALVES, A., SALGUIRA, A. P., SOARES, A. P., MACHADO, C., FERNANDES, E., VASCONCELO, R. (2003). Expectativas de envolvimento acadêmico à entrada na universidade: *um estudo com alunos da Universidade do Minho*. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1, 3 – 15.
- BOURDIEU, Pierre.1989. *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, coleção Memória e Sociedade.
- BENEDICT, Ruth. s/d. *Padrões de cultura*.
- BERTAUX D. L’approchebiographique: *savalitéméthodologique, sespotentialités*. *Cahiersintsociol* 1980; 69: 197-225.
- CIPRIANI R, Pozzi E, Corradi C. Histoires de viefamilia ledansuncontexteurbain. *Cahiersintsociol* 1983; 79: 253-62.
- CAMILO, A. (2010). *Do trote universitário como atentado aos direitos da personalidade do académico*. XIX Encontro Nacional do CONPEDI. Pp 5002 – 5013. Disponível em: <http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/4005.pdf>
- CHIZOTTI A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 1991. São Paulo: Cortez.
- D’EPINAY CL. La viequotidienne (Essai de construction d’unconcept sociologique etanthropologique) *Cahiersintsociol* 1983; 74: 13-37.
- FREEDMAN, Maurice, 1977, *Antropologia Social escultural*. Lisboa,1º Vol.Pp. 44.
- FRIAS, Aníbal (1998), “La ‘praxe dos caloiros’: unrite de passage”, *RecherchesenAnthropologie au Portugal*, 5, pp. 11-39.
- FRIAS, Aníbal (2003), “Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra: lógicas das tradições e dinâmicas identitárias”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, pp. 81-116.
- GEERTZ, Clifford.1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora SA.

GOMES, Carlos Alberto, Rita, RIBEIRO. 2002. “As praxes académicas na Universidade do Minho: conclusões e implicações de um relatório institucional”, em A. Pouzada, L. S. Almeida e R. Vasconcelos, *Contextos e Dinâmicas da Vida Académica*, Guimarães, Universidade do Minho, pp. 107-116.

GOLDMAN, Marcio. 2006. Alteridade e Experiência, In: “*Antropologia e Teoria Etnográfica*”. Etnográfica. Vol. X (I). Pp 161-3.

GOFFMAN, E. 2002. *A Representação do Eu na Vida Quotidiana*. (10ª edição). Petrópolis: Vozes.

GIL, António, 1987, *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, São Paulo: Atlas S.A.

GONZÁLEZ de Rivera, José, e RODRÍGUEZ-ABUÍN, Manuel. 2003. “Cuestionario de estrategias de acoso psicológico: el LIPT-60 (Leymann Inventory of Psychological Terrorization) en versión española”, *Psiquis*, 24 (2), pp. 59-69.

GOLDENBERG, M. 2000. *A Arte de Pesquisar: Como Fazer uma Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.

LEE Whorf, Benjamin. 1971. *Lenguaje, Pensamento y Realidad*. Barcelona: Barbal Editores.

LARAIA, Roque de Barros. 1992. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 6ª Edição s.Pp. 36-46.

GALLIANO, Poul. 1986. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Harbra.

PEIRANO, Mariza. 2003. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

OLIVEIRA, Catarina Sales, VILLAS-BOAS, Susana e LAS HERAS, Soledade. 2016. « Assédio no ritual da praxe académica numa universidade pública portuguesa », *Sociologia, Problemas e*

Práticas [Online], 80 | posto online no dia 15 Março 2016, consultado no dia 10 Maio 2016.
URL : <http://spp.revues.org/2073>

PINTO, Costa1992. O Negro no Rio de Janeiro: *Relação de Raças numa Sociedade em Mudança*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, V.276.

PINTO, José Madureira, 1991. Considerações sobre a Produção Social de Identidade, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Vol. 1 Nº 32, Vol.1 Coimbra: Centro de Estudos Sociais.

POLYDORO, S. A. J., PRIMI, R., SERPA, M. de N. da F., ZARONI, M. M. H., & POMBAL, K. C. P. (2001). *Desenvolvimento de uma escala de integração ao ensino superior*. Psico- USF (Impresso), 6(1), 11 – 17. Doi:10.1590/S1413-82712001000100003

PACHANE, G. G. (2003). A experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal do aluno. In E. Mercuri & S. A. J. Polydoro (Eds.), *Estudante universitário: características e experiências de formação* (p. 241). Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária.

PALMA, G. (2004). “O interaccionismo nas investigações linguísticas: características e procedimentos” in: *Intervenção na Mesa Redonda Inicial do II Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos*.

PIMENTEL, M., MATA, M., & PEREIRA, F. (2012). Práticas iniciáticas de integração no ensino superior. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa, Pp. 393 – 401.

PINTO, José Madureira (1991), “Considerações sobre a Produção Social de Identidade”, In; *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Vol, 1 No32, Coimbra: Centro de Estudos Sociais.

MINAYO, M. e SANCHES, O. 1993. “Quantitativo-Qualitativo: *Oposição ou Complementaridade*”. in: *Cadernos de Saúde Publica*. 9 (3): 239-262.

MARCITLLACH, AizpúneFREIREA, García-Mina. 2013. Novatadas. *Comprender para Actuar*. Madrid: Universidade Pontificia de Comillas.

- MIRANDA, M., OLIVEIRA, T., BARRETO, P., FERRIANI, M., Santos, M., & Neto, D. (2012). *Conduta de acadêmicos de uma universidade da região amazônica frente ao bullying. Enfermagem em Foco*; 3(3) pp. 114-118
- NOVA, S. V. 1989. “Estatística e Dinâmica Social,” *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Atlas.
- NAPOLI, A. R., & WORTMAN, P. M. (1998). Psychosocial Factors Related to Retention and Early Departure of Two-Year Community College Students. *Research in Higher Education*, 39(4), 419–455. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/40196330>
- HELOANI, Roberto, e EDUARDO Pinto e SILVA. 2012. “Aspectos teóricos y conceptuales del bullying y del acoso moral”, *Praxis, Revista de Psicología*, 14 (21), pp. 93-110.
- MAIA, R. L. 2002. “Migrações e Redes de Relações Sociais em Meio Urbano: Um Exemplo a partir do Porto”. *S/L*
- _____. 2002. *Dicionário de Sociologia*. Porto: Porto Editora.
- SOUSA. Minayo, M e Sanchez. 1993. “*Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade*”, 9 (3) Pp. 239-262.
- RIVIÈRE, Claude.1995.*Introdução à Antropologia*. Lisboa, Edições 70. P.43.
- RIVIÈRE, Claude.1997.*Os ritos profanos*. Petrópolis: Vozes.
- RODOLPHO, Adriane Luísa. 2004. “ Estudos Teológicos” in; *Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica*. 44, n. 2, p. 138-146
- VAN GENNEP, Arnold.1978. *Os ritos de passagem*, Petrópolis: Vozes.
- TURNER, J. H. 1999. “Inteiração Social” *Sociologia: Conceitos e Aplicações*. São Paulo: MakronBooks.

TINTO, V. (1975). "Dropout from Higher Education: *A Theoretical Synthesis of Recent Research.*" *Review of Educational Research*, 45(1), 89–125. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/1170024>

TINTO, V. (1988). Stages of Student Departure: "*Reflections on the Longitudinal Character of Student Leaving*". Pp. 438–455.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUD, Luc Van, 2003, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.